

## Introdução

O autismo<sup>1</sup> é um transtorno do neurodesenvolvimento com etiologia ainda desconhecida. Não existe um marcador biológico específico que o caracterize; acredita-se em uma multicausalidade com fortes indícios de um componente genético. A rigor, segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos mentais (DSM-IV-TR, 2002) caracteriza-se por prejuízos qualitativos de interação social, de comunicação, com padrões restritos e repetitivos de interesses e atividades; a chamada tríade de prejuízos.

O critério de diagnóstico em vigor não faz menção direta a problemas sensoriais<sup>2</sup>. Entretanto, respostas incomuns a estímulos sensoriais parecem ser sintomas frequentemente associados ao autismo. Atualmente já existe um número considerável de estudos que aponta para particularidades de processamento sensorial como hiper ou hipossensibilidades no autismo. Embora não sejam universais ou específicos ao autismo, a prevalência desses sintomas é relativamente alta, em média 69% a 95% dos autistas apresentam problemas dessa natureza associados à tríade de prejuízos (Baranek, David, Poe, Stone, & Watson, 2005, Harison & Hare, 2004, Tomcheck & Dunn, 2007). No autismo esses sintomas parecem ser mais comuns, mais severos e de caráter multissensorial, o que distingue o transtorno do desenvolvimento típico e de outros prejuízos do desenvolvimento (Kern e colaboradores, 2006).

Embora só recentemente essa linha investigativa sensorial tenha ganhado mais atenção do meio científico, os primeiros trabalhos ligados ao autismo já incluíam descrições sobre respostas incomuns a estímulos sensoriais (Kanner, 1943, Asperger, 1944 citado por Frith, 1991). Os desafios de se lidar no dia a dia com problemas sensoriais, também já vêm sendo relatados há tempos por autistas de alto funcionamento. Observa-se um número cada vez maior de autistas, inclusive aqueles tidos até pouco tempo como severos (geralmente não verbais),

---

<sup>1</sup> Ao longo do trabalho o termo “autismo” será utilizado referindo-se a Transtornos do Espectro Autista (TEA).

<sup>2</sup> Ao longo do trabalho a expressão “problemas sensoriais” refere-se a problemas de processamento sensorial, englobando todo o processo sensório perceptivo.

descrevendo, com o auxílio da tecnologia assistiva, o quão impactante são esses problemas sensoriais no seu funcionamento diário (Fleischmann & Fleischmann, 2012).

Miller, Schoen, Coll, Brett-Green, e Reale (2005) desenvolveram uma pesquisa na qual 78% dos autistas pesquisados apresentaram sintomas significativos do que os autores chamam de Transtorno de Processamento Sensorial (TPS). Segundo Miller, o Transtorno de Processamento Sensorial é um transtorno de ordem biológica, ainda não reconhecido universalmente como um diagnóstico médico. Entretanto, são inúmeras as pesquisas que buscam validá-lo. Alguns manuais médicos não oficiais como o *Diagnostic Manual for Infancy and Early Childhood* (2005), desenvolvido pelo Conselho Interdisciplinar em Transtornos do Desenvolvimento e de Aprendizagem (Interdisciplinary Council on Developmental and Learning Disorders), já o consideram.

O termo processamento sensorial refere-se à habilidade de receber informações através dos sete sentidos (tato, olfato, paladar, visão, audição, propriocepção e vestibular), organizar e interpretar essas informações sensoriais, transformando-as em respostas significativas. Para a maioria das pessoas esse é um processo automático. Pessoas com problemas de processamento sensorial, entretanto, não experienciam esse processo da mesma maneira. Nesses casos o cérebro não organiza ou processa o fluxo de impulsos sensoriais de forma a dar ao sujeito uma informação precisa sobre ele próprio ou sobre o mundo. Quando o cérebro não processa o *input* sensorial de forma adequada, geralmente ele também não direciona o comportamento de forma efetiva. O resultado é uma dificuldade em lidar com informações sensoriais do dia a dia, como o toque de uma roupa com textura diferente, o som alto de uma televisão ou até o movimento do carro. Essas pessoas podem sentir-se bombardeadas de informações ou podem nem perceber grande parte dos estímulos sensoriais. Podem ainda buscar experiências sensoriais intensas e até apresentar problemas sensório motores. Um ou mais sentidos podem ser afetados, o que faz com que se relacionem com o mundo de forma atípica, como acontece no caso do autismo.

As primeiras experiências do bebê são de natureza sensorial e o aparato sensorial é uma ferramenta essencial nessas primeiras relações. Segundo DeGangi e Greenspan (1989), a habilidade de tolerar a estimulação sensorial ocorre primeiramente nas interações mãe-bebê e a tolerância sensorial é intimamente

relacionada à regulação dos estados de ativação (*arousal*) e ao desenvolvimento das habilidades de interação precoce. Bebês que não são capazes de processar as experiências sensoriais de modo apropriado também são incapazes de utilizá-las para o aprendizado. Esses bebês frequentemente apresentam respostas mal adaptativas na formação de relações afetivas ao longo de seu desenvolvimento. Um bebê hipersensível ao toque, ao som e ao movimento, por exemplo, pode resistir ao contato físico, a ser segurado ou balançado, além de evitar o contato visual, não participando de interações face a face. Isso está de acordo com estudos de identificação precoce como o de Dawson, Osterling, Meltzoff e Kuhl (2000) que descreveu hipersensibilidade auditiva, tátil, e insensibilidade à dor aos 9-12 meses de uma criança mais tarde diagnosticada autista. Outro estudo de análise retrospectiva de vídeos (Baranek, 1999) também aponta para a presença desses problemas já durante o primeiro ano de vida, o que faz dos problemas sensoriais uma grande ferramenta para o rastreamento precoce do autismo.

Embora cada vez mais evidências apontem para a presença de problemas sensoriais no autismo, os mecanismos envolvidos por trás desses prejuízos ainda não foram completamente estabelecidos e a relação entre esses prejuízos e os sintomas que configuram o autismo ainda não foi sistematicamente investigada. Entretanto, já parece haver uma movimentação no meio científico no sentido de enxergar os sintomas que hoje configuram o quadro autístico como sintomas secundários, ou seja, como manifestações ou respostas a prejuízos primários, como possivelmente os de ordem sensorial (Caminha, 2008 e Greenspan & Wieder, 2006).

O reconhecimento da importância desses problemas sensoriais na configuração do autismo se reflete na sua inclusão no próximo DSM-5, previsto ainda para o ano de 2013. A nova edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais propõe algumas modificações, entre as quais (a) a denominação Transtornos do Espectro Autista (TEA), (b) redução da tríade de prejuízos em duas áreas principais (interação e comunicação social; padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades), (c) inclusão de 3 níveis para classificação de severidade (requer suporte, requer suporte substancial, requer muito suporte substancial), assim como (d) a inclusão do critério sensorial na categoria “padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades” (hiper ou hiporreatividade ao input sensorial ou interesses

incomuns pelos aspectos sensoriais do ambiente) (APA, 2011). Este último item justifica a importância do que será apresentado no trabalho em questão.

Diante de tal reconhecimento pelo DSM, torna-se cada vez mais necessário pesquisar problemas sensoriais no autismo. Seguindo essa linha, o **objetivo** desse trabalho foi investigar os prejuízos sensoriais em uma amostra de crianças autistas brasileiras e explorar a relação desses padrões sensoriais com o grau de severidade do transtorno. Foi utilizado o *Childhood Autism Rating Scale Second Edition* (CARS2) (Schopler, Van Bourgondien, Wellman & Love, 2010) para avaliação do grau de severidade (autismo mínimo a ausente, autismo leve a moderado e autismo severo) e o *Short Sensory Profile* (SSP) (Dunn, 1999) para avaliação do perfil sensorial (desempenho típico, diferença provável ou diferença definitiva de processamento sensorial). A pesquisa contou com os dados de 28 crianças autistas entre 3 e 10 anos de idade. Essas crianças tiveram o CARS2 e o SSP, ambos utilizados em suas versões originais em inglês, respondidos por seus terapeutas, fluentes na língua inglesa.

Apesar de ser uma pesquisa de caráter exploratório, algumas expectativas foram geradas a partir das evidências da literatura. Era esperado encontrar prejuízos sensoriais na maioria das crianças avaliadas, uma frequência maior de crianças com prejuízos sensoriais no grupo de autismo severo e uma correlação entre os prejuízos sensoriais e o grau de severidade. Espera-se, acima de tudo, que essa pesquisa sirva para alertar familiares, profissionais e estudiosos da área a respeito da importância de se considerar problemas sensoriais no autismo, além de servir como ponto de partida de investigações desse tipo no campo do autismo no Brasil.

O trabalho será apresentado em 5 capítulos, sendo o primeiro esta introdução. O capítulo 2 pretende fornecer subsídios para a compreensão do trabalho. Para isso irá apresentar o que se entende por processamento sensorial e qual sua relevância para o desenvolvimento, além de abordar a importância de cada sistema sensorial individualmente para o desenvolvimento das relações interpessoais. O capítulo também irá descrever o Transtorno de Processamento Sensorial que, embora ainda não seja considerado como uma categoria diagnóstica oficial tem ajudado a pensar as questões sensoriais no autismo com suas inúmeras pesquisas na área, muitas delas também apresentadas no capítulo. O capítulo 3 reúne as principais evidências acerca de problemas sensoriais no

autismo. Serão apresentadas primeiramente, as principais ideias encontradas na literatura do autismo, que consideram o transtorno a partir de uma perspectiva sensorial. Também será feita uma revisão das principais pesquisas científicas que investigam problemas dessa natureza no autismo. Por fim, os relatos autobiográficos de autistas, que muito vêm contribuindo para o estudo do transtorno, serão contemplados. O capítulo 4 irá apresentar a pesquisa propriamente dita, descrevendo sua metodologia, discutindo seus resultados e levantando suas limitações metodológicas e orientações futuras. No capítulo 5 serão feitas as considerações finais.